

O MARINHEIRO

Drama estático em um acto de FERNANDO PESSOA (1913). Publicado em 1915 na revista «Orpheu» (n.º 1).

Estreado (por amadores) em 1957, no Teatro de Ensaio de Lisboa.

[...]

Cena única: um quarto circular «que é sem dúvida num castelo antigo».

Três donzelas velam um caixão onde jaz uma quarta donzela, de branco. De uma janela, alta e estreita, vê-se, entre dois montes longínquos, um pequeno espaço de mar. Uma das veladoras propõe às duas outras que falem «de um passado que não tivessem tido» e conta-lhes a história sonhada de um marinheiro náufrago, perdido numa ilha deserta e distante, que, afastando-se progressivamente do seu passado real, o substitui por outro e para si constrói «Uma outra espécie de país, com outras espécies de paisagens, e outra gente, e outro feitio de passarem pelas ruas e de se debruçarem das janelas», e, quando um dia, cansado de sonhar, quis recordar a sua pátria verdadeira, já «não se lembrava de nada, nem ela existia para ele» – nem o marinheiro estava na ilha quando um barco por lá passou...

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 227.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.